

[SYLVIA DEMETRESCO]

Professora da École Supérieure de Visual Merchandising, na Suíça. Editora da revista internacional de visual merchandising *INSPIRATION*; autora dos livros *Vitrinas entre-vistas — merchandising visual* (São Paulo, Senac, 2004) e *Vitrinas em diálogos urbanos* (São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005).

Site: <http://www.vitrina.com.br>

E-mail: sylvia@vitrina.com.br

Da tessitura da cidade à tessitura do papel de Isabelle de Borchgrave



Fotos da autora



Tecidos, linhas, têxteis, pedras, papéis e muitas outras coisas são matérias que, quando aplicadas em condições diferentes das que estamos acostumados, chamam insistentemente nosso olhar e inspiram nosso espírito para novas criações.

Muitos passos, alguns quarteirões, novas ruas, algumas cidades... todo dia saio à rua à procura de novas vitrinas, imagens urbanas, novas texturas nas tessituras da cidade. E é neste circular que sinto em cada cidade que visito suas entranhas, seus personagens, ruídos, odores... a cor do céu, a espessura do vento, os corpos a passear, os artistas a criar... É a partir desses dados que colete insistentemente o que em cada cidade considero ser realmente significativo. Que prazer! Nada como sentar à beira de um rio, na escadaria de um museu, num banco de uma praça ou simplesmente espreitar o farol de um grande cruzamento... em cada canto se constrói uma determinada imagem que será específica daquele momento e daquela cidade.

Paris, por exemplo, se ilumina de modo especial ao pôr-do-sol de outono, principalmente à beira do Sena, de onde vemos todas as pontas de ouro dos edifícios a brilhar por entre árvores nos tons avermelhados que permitem ao vento levar suas folhas. Praga resiste na memória por suas sombras esculpidas na Ponte Karl, na subida à procura da biblioteca Strahovská, com seus corredores de livros encadernados de branco. Milão nos deixa marcados pelo som de nossos passos na grandiosa praça Del Duomo, cujas paredes e torres são de pedra rendada. De Veneza, fica o odor de mar adocicado, em suas águas a brilhar, nos passeios de *vaporetto*, contrastando com as formas de seus palacetes. O Porto martela o craquelar das rodas sobre as ruas íngremes de pedras e cal, quase como em Ouro Preto, Minas Gerais. Cada cidade é muito mais do que isso: arquitetura, comida, roupas, modos de desfilar, modos de compreender comportamentos e usos, pois tudo se transforma em pesquisas para futuras obras e despertam, cada uma à sua hora, novos significados, desejos de manifestação.

Recentemente fui a Bruxelas para visitar uma amiga que me levou ao ateliê de Isabelle de Borchgrave, que em breve visitará o Brasil. Qual não foi a minha surpresa quando entramos e vimos roupas de Fortuny ali, espremidas, quase sobrepostas umas às outras.

Sim! Isabelle de Borchgrave é apaixonada por Mariano Fortuny e recriou perto de uma centena de vestidos deste estilista veneziano, seu ídolo. Todas as peças estavam devidamente colocadas sobre os manequins, quase prontas para serem embaladas, afinal ela expõe no Palazzo Pesaro Orfei em Veneza, hoje Palazzo Fortuny, esta sua coleção.

Maior é a surpresa quando ela nos diz que todos os modelos são feitos de papel! Papéis com o toque doce de tecido, ora plissados, ora esvoaçantes, com a caída de um linho ou de uma seda, com forros finos como *voile*, ou com mantôs em *jacquard* com pregas rígidas. Sapatos e bolsas de papel acompanhando cada *look*! A matéria papel totalmente desfigurada, desfigurativizada, demolida e proposta como a coleção de um estilista do passado, que pesquisava o tecido, suas formas, suas tinturas e suas texturas.



Adentrando o ateliê, não são mais as roupas de Fortuny, mas vestidos de noiva, roupas do Renascimento, vestidos das primeiras coleções de Lavin, Poiret, Worth, Ralph Lauren, rendas, flores, luvas, que se mostram como um corredor de imagens infinitas e múltiplas que, umas atrás das outras, desfilam perante nossos olhos atônitos.

E a viagem no mundo papel continua... potes cheios de lápis e pincéis, livros, maquetes, animais, vasos gigantes e gaiolas de papel se misturam sobre mesas forradas de tecido/papel tinto. Metros e metros de papel que aos poucos dão vida a novas roupas. Imensas folhas de papel branco se transformam em moitas de papel encharcado, que se enrolam sobre tubos como trouxas de roupas desprezadas. De um branco sujo ao tom de chá-queimado, essas massas de papel são passadas a ferro, esticadas por mãos hábeis e aos poucos se transformam em tecidos texturizados, espessos, dobrados, plissados, em que as cores do arco-íris não são suficientes para descrever a ondulação colorida que inflama nossos olhos... simplesmente fantástico! Parece que Isabelle tem uma varinha de condão e que cada papel vai recebendo sobreposições de cores e marcas até criar vida própria e deslizar para o mundo, hoje de Mariano, ontem de rendas e amanhã para outro ser especial.

Tudo adquire presença em espetáculo.

Entrar em outros mundos faz aflorar a criatividade. A observação dos detalhes, dos modos de fazer e do ritmo do gesto são especificidades de cada saber-fazer. Acompanhar de perto a seqüência de uma criação facilita o entendimento de um processo. Eis como caminhar pela trama das cidades nos possibilita também percorrer as tramas da criação.